

social

CAMPANHA DE DOAÇÃO DE MEDULA PARA DANÇARINO CONTINUA APÓS SUA MORTE, A FIM DE AJUDAR PORTADORES DE LEUCEMIA

O baile de Vitor

Durante as comemorações do Natal de 2012, aos 34 anos, o assessor de marketing Renato Leite, do Rio de Janeiro, estava indisposto. Sentia náuseas, cansaço e alguns outros sintomas que poderiam ser confundidos com dengue, uma epidemia na época. Não era. Depois de alguns meses e muitos exames, o diagnóstico foi leucemia. “O meu tratamento foi rápido. Passei por cinco sessões de quimioterapia e entrei em remissão. Logo soube que não precisaria de transplante de medula”, recorda. Em 2014, ele se preparava para uma aventura inesquecível: subir o Monte Roraima. Mas foi surpreendido por um telefonema. Do outro lado da linha estava Vitor Saru, professor da academia de dança de salão que Renato frequentava. Na época com 26 anos, Vitor acabara de saber que estava com a mesma doença que atingiu o amigo, mas, no seu caso, já estava na corrida para conseguir um doador de medula.

“Pedi para ele esperar eu retornar de viagem. Sabia que encontrar um doador compatível não era uma tarefa fácil, mas alguma coisa a gente tinha que fazer. Quanto mais pessoas se cadastrassem, maiores as chances de achar alguém compatível”, lembra Renato. E assim começava a campanha “S.O.S. Vitor Saru”. Trabalhando com comunicação há algum tempo, o assessor já tinha experiência de campanhas, até porque ele mesmo foi beneficiado por uma (“Vamos Doar Sangue para o Renatinho”), promovida por amigos em redes sociais, logo no início de seu tratamento.

A ideia para ajudar Saru foi gravar um vídeo no qual os dois amigos esclareceriam, por meio de cartazes, as principais dúvidas sobre doação de medula. “Tudo foi muito bem pensado, porque queríamos atingir um público diversificado. Dessa forma, quem era deficiente auditivo também poderia entender

nosso recado”, diz Renato. No final da gravação, Vitor raspava a cabeça do amigo e entrava a seguinte mensagem: “Se não encontrar um doador, ele pode não ver o cabelo crescer”.

Publicado em redes sociais, o vídeo atingiu uma dimensão surpreendente. “Coloquei-o no meu perfil do Facebook, e todos os envolvidos na campanha o disparavam pelo WhatsApp”, explica Renato. A repercussão foi tão grande que o celular do assessor travou depois de dois meses, tamanha a quantidade de mensagens recebidas pelo aplicativo devido ao vídeo, que contabilizou 30 milhões de visualizações. Por causa dele, Renato deu entrevistas na mídia e passou a ser convidado por empresas para fazer palestras sobre a importância da doação de medula. “Só em 2015, foram 12 palestras. Algumas ações foram desenvolvidas de forma voluntária, fora do Rio de Janeiro. Lembrome de duas meninas que organizaram caravanas em São Paulo para doar sangue”, conta. Vitor ficou conhecido no banco de sangue do INCA por ser o paciente que mais levava doadores (os funcionários do Instituto perguntam em nome de quem estão doando, para convocar novamente os doadores, caso necessário).

Apesar de toda a mobilização, que resultou na localização de um doador compatível e na realização do transplante, Saru morreu em maio deste ano. Ainda assim, o engajamento de Renato continuou. A campanha “S.O.S. Vitor Saru” o fez perceber como uma ferramenta de comunicação pode ajudar muitas pessoas que passam pelo mesmo problema de saúde. Em setembro, ainda abalado com a perda do amigo, o assessor apresentou em redes sociais o “Neo Medula”, grupo criado com o objetivo de promover campanhas de conscientização sobre a importância da doação de medula óssea. Os voluntários



também promovem ações de incentivo a caravanas de doação de sangue e organizam eventos para arrecadar recursos a serem destinados a instituições que abraçam a causa.

A HISTÓRIA DE SARU

Vitor Antunes de Lima era uma pessoa muito alegre, que adorava arrancar gargalhadas dos amigos e totalmente apaixonado pela dança. Conhecido como Saru (“macaco”, em japonês, apelido que ganhou na infância, devido a seu jeito inquieto), durante o dia trabalhava como motorista executivo, mas suas noites eram dedicadas ao Centro Cultural Carioca (CCC), escola de dança tradicional da Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro. Lá, ele passou rapidamente de aluno bolsista a professor assistente, e logo já fazia parte da Cia. de Dança CCC.

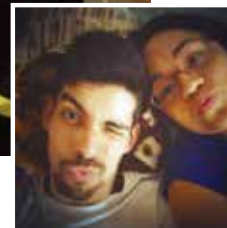
Depois de ser diagnosticado com leucemia, no fim de 2014, e passar por um transplante de medula óssea, ele morreu aos 27 anos, em maio último, ao contrair uma infecção fúngica no pulmão, em decorrência da baixa imunidade. Mas a morte de Saru também marcou um início. Sua história passou a ser contada por seus amigos e, em especial, pela administradora Thailinn Yong, com quem Vitor começou a namorar seis meses antes do primeiro desmaio ocasionado pela doença e com quem assinou um

“Vitor era muito ligado a crianças, tinha o sonho de ser pai. Uma vez, viu uma menina carequinha no hospital. Ela olhou para ele, sorriu e acenou, e o Vitor comentou comigo: ‘Se ela está passando por isso e sorrindo, por que eu não posso fazer o mesmo?’ Desde então, ele colocou na cabeça que queria fazer algo para a seção de pediatria do INCA”

THAILINN YONG, viúva de Vitor



Na saúde e na doença: o casamento de Saru e Thailinn no INCA teve até buquê



contrato de união estável, dentro do INCA, onde se tratava. “Vitor estava internado, e eu marquei com o cartório para assinarmos a escritura no hospital. Era para ser simples, sem causar nenhum transtorno para a enfermaria, mas os profissionais do INCA fizeram uma verdadeira festa para a gente, com direito a balões, buquê e bem-casados. Foi um dos dias mais lindos das nossas vidas”, lembra Thailinn. A missa de sétimo dia foi em 22 de maio, exatamente dois anos depois do início do namoro.

Saru planejava organizar um baile assim que conseguisse vencer a leucemia. Além de festejar a vida, o objetivo também era ajudar o INCA, como agradecimento por todo o carinho dispensado a ele durante o tratamento. O “Baile da Medula” aconteceu em forma de homenagem e solidariedade, como Vitor desejava, em 2 de setembro, no CCC, dois dias depois da data de aniversário dele. “Vitor era muito ligado a crianças, tinha o sonho de ser pai. Uma vez, viu uma menina carequinha no hospital. Ela olhou para ele, sorriu e acenou, e o Vitor comentou comigo: ‘Se ela está passando por isso e sorrindo, por que eu não posso fazer o mesmo?’ Desde então, ele colocou na cabeça que queria fazer algo para a seção de pediatria do INCA”, conta a administradora.

Foram arrecadadas mais de 3.400 fraldas e vendidas mais de 300 camisetas. Somando outras doações, o valor da entrada e o consumo, a arrecadação passou dos R\$ 8 mil. O dinheiro foi destinado à compra de três venoscópios (equipamento que ajuda a localizar as veias para retirada de sangue e aplicação de medicamentos) e cinco aspiradores, doados à Pediatria do INCA. Faz sentido: para Vitor, as crianças precisam bailar. ■